

## A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA OS ANOS INICIAIS DA ESCOLARIZAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA E A SEMIFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE THEODOR W. ADORNO

doi: 10.4025/imagenseduc.v1i2.13303

Ana Carolina Colacioppo\*

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. [acolacioppo@hotmail.com](mailto:acolacioppo@hotmail.com).

**RESUMO:** Este artigo trata de facetas da atual configuração da instância incumbida de formar o docente para os anos iniciais da escolarização com base em contribuições de Theodor W. Adorno para a área da educação. Visa compreender como a teoria da semiformação pode auxiliar o entendimento a respeito da formação docente no contexto do capitalismo tardio. Aborda questões da sociedade administrada pela lógica do mercado, em que a formação tem se preocupado com a produção da identidade à adaptação e à integração e evidencia aspectos sobre a formação do docente dos anos iniciais da escolarização, que é balizada por legislação que a configura como debilmente atrelada ao compromisso político com a instituição para a escolarização da infância.

**Palavras-chave:** Formação de professores; Diretrizes Curriculares Nacionais; Semiformação

**ABSTRACT: THE TEACHERS TRAINING FOR THE INITIAL YEARS OF SCHOOLING IN THE PEDAGOGY COURSE AND THE SEMI-TRAINING: CONTRIBUTIONS OF THEODOR W. ADORNO.** This article deals with facets of the current configuration of the body responsible for training the teachers for the early years of schooling from contributions of Theodor W. Adorno for the area of education. It seeks to understand how the theory of semi-training can help the understanding about the teacher training in the context by late capitalism. It addresses issues of society administered by the logic of the market, in which training has been concerned with the production of identity adaptation and integration, and highlights aspects of the training of teachers of the early years of schooling, which is imposed by the current legislation that sets up as weakly linked to the political commitment to the institution for the children education.

**Keywords:** Teachers training; National Curricular Guidelines; Semi-training

### Introdução

Não restam dúvidas de que um dos principais desafios políticos no Brasil é a melhoria da qualidade da educação, dos processos de escolarização, a começar daqueles da educação básica. Assim, não é de se admirar que a formação docente seja motivo de inúmeras medidas políticas.

Os problemas referentes à escolarização no país, frequentemente evidenciados nas rotinas escolares e nas avaliações externas das instituições de ensino, são temas de destaque veiculados pelos meios de

comunicação. Como o fracasso do processo ensino-aprendizagem é, costumeiramente, imputado aos professores, que têm funções de formar cidadãos considerando as exigências da globalização, a formação docente integra a agenda do governo brasileiro para regular e gerenciar a educação e vem sofrendo mudanças substanciais.

No âmbito da formação do docente para os anos iniciais da escolarização, ocorre o incentivo à formação universitária e ênfase na formação prática, mas a formação inicial do professor, realizada nos cursos de Pedagogia, vem ocorrendo de forma

aligeirada e instrumental, tendo em vista as possibilidades de atuação profissional do licenciado e as diretrizes para a reconfiguração dos cursos explicitadas na legislação vigente.

Considerando-se a reorganização curricular dos cursos de Pedagogia no país, a partir da publicação de suas Diretrizes Curriculares, este trabalho trata de facetas da atual configuração da instância incumbida de formar o docente para os anos iniciais da escolarização, tomando-se contribuições de Adorno para a área da educação. O objetivo é compreender como a teoria da semiformação pode auxiliar o entendimento a respeito da formação docente no contexto do capitalismo tardio.

### **Contribuições de Adorno para a análise da formação do docente dos anos iniciais da escolarização**

A dominação sobre as pessoas continua sendo realizada por meio do processo econômico; a falta de maturidade das massas é reflexo do fato de que os seres humanos continuam não sendo autônomos, a vida lhes ocorre como destino. Os homens continuam sendo apêndices da maquinaria, obrigados a se submeterem ao mecanismo social como portadores de papéis, tendo que se modelar de acordo com eles, exercendo o trabalho alienado. Nesse contexto, o elemento desastroso é o enredamento da técnica nas relações sociais nas quais ela se encontra envolvida, não é simplesmente a técnica; os interesses do lucro e de dominação têm canalizado e norteado o desenvolvimento técnico em decorrência de que este coincide com as necessidades de controle (ADORNO, 1986). O aumento da produtividade econômica, por um lado, produz as condições para um mundo mais justo e, por outro lado, subsidia, ao aparelho técnico e aos que o controlam, a superioridade sobre as outras pessoas, que ficam anuladas em relação aos poderes econômicos. Simultaneamente, o poder da sociedade sobre a natureza é elevado e, desaparecendo diante do aparelho a que

serve, a pessoa se considera melhor provida por ele (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

O desenvolvimento científico e tecnológico é referenciado como sinônimo de progresso pela sociedade. Entretanto, quando a humanidade fica confinada pela totalidade que ela mesma configura, não há progresso. O que se chama de progresso é o progresso material, feito à revelia do homem, promovendo a dominação social em decorrência de que a produção se volta para as necessidades do capital, mas os argumentos relacionados à utilização da noção de progresso pelas pessoas dizem respeito a resolver os problemas, sanar as dificuldades, diminuir a desigualdade, minorar o sofrimento, a possibilidade de felicidade, justiça, liberdade, democracia. Entretanto, somente quando a humanidade for redimida poderemos falar em progresso; para haver progresso, é preciso colocar a humanidade em primeiro lugar (ADORNO, 1995b), porque mesmo num mundo tão desenvolvido no que tange à ciência e à tecnologia, a falta de condições mínimas básicas para a sobrevivência humana ainda condena pessoas à morte; a ganância, a usura e a disputa pelo poder continuam eliminando a vida de muita gente.

[...] Um mundo como o de hoje, no qual a técnica ocupa uma posição-chave, produz pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isso tem sua dose de racionalidade: dificilmente se deixam enganar em seu estreito campo, o que pode ter conseqüências em uma esfera mais ampla. Por outro lado, na relação atual com a técnica, há algo excessivo, irracional, patógeno. Esse algo está relacionado com o véu tecnológico. As pessoas tendem a tornar a técnica pela coisa mesma, a considerá-la um fim em si, uma força com vida própria, esquecendo, porém, que ela é o prolongamento do braço humano. Os meios – e a técnica é a mais alta representação dos meios para a autoconservação da espécie humana – são fetichizados porque os fins, uma vida humana digna, têm sido velados e

expulsos da consciência das pessoas. (ADORNO, 1995a, p.118).

Assim, com as circunstâncias de velamento e de exclusão dos objetivos relacionados à luta pela sobrevivência humana digna das consciências, ocorre a manutenção da impossibilidade da redução do sofrimento humano e, no que se refere à fetichização em pauta, a organização da sociedade capitalista impede, também pela indústria cultural, pelo tolhimento da consciência, a formação de indivíduos capazes de julgar, decidir conscientemente e o conhecimento e a experiência dos mais ameaçadores eventos e das ideias e teoremas críticos essenciais. Como se interessa pelas pessoas enquanto consumidoras, a indústria cultural é cúmplice da ideologia capitalista, criando necessidades de consumo, dominando-as mediante o desejo de posse que é aprimorado com o crescente desenvolvimento científico e tecnológico. Entretanto:

[...] O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. [...]. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p.100).

A capacidade dos indivíduos de enxergarem concretamente o mundo de um modo diferente do que como ele dominadoramente se apresenta àqueles pelos quais ele é construído fica paralisada (ADORNO, 1986).

No âmbito do capitalismo tardio, a educação que priva os indivíduos de reflexão associa-se à indústria cultural, gerando o conformismo e a indiferença diante da barbárie, bem como promove pessoas não

esclarecidas. Ao não libertar as pessoas da opressão, se torna mecanismo que aliena e reproduz a dominação, impossibilitando lidar com as contradições da sociedade capitalista e lutar contra a cultura vulgarizada pela indústria cultural, não permitindo ao sujeito descobrir sua força de ação para a mudança, visando o bem comum. A hipermaturidade da sociedade se nutre da imaturidade dos dominados; quanto mais complexa e refinada é a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo é ajustado pelo sistema de produção, mais pobres são as vivências<sup>1</sup> para as quais ele está capacitado (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Como há um processo na sociedade capitalista favorável ao alheamento humano das suas condições reais de vida social, muitos indivíduos, apesar de terem vivenciado processos de escolarização, permanecem alienados e, submetidos à indústria cultural, são privados do desenvolvimento da capacidade de subjetivação, de solidariedade e respeito. Assim, gera-se a barbárie, que torna os indivíduos incapazes de uma relação crítica com sua realidade e de romperem com a ausência de autonomia, com a sujeição a leis exteriores. A lógica que comanda o preparo para o trabalho alienado atribui à formação uma condição que separa a formação da consciência da formação para o trabalho, produzindo a semiformação (ADORNO, 1996). No processo impulsionador da heteronomia e da conseqüente alienação humana na sociedade capitalista, as formas massificadas de linguagem educativa na sociedade mercantil atuam no sentido da

---

<sup>1</sup> Experiência diz respeito à continuidade da consciência em que se perdura o que ainda não existe e em que o exercício e a associação subsidiam uma tradição no indivíduo. Assim, a experiência foi substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, que é modificado em seguida por outras informações. No lugar da conexão com um viver em si, relativamente uníssono, que se desemboca no julgamento, fica um "é isso" sem julgamento. (ADORNO, 1996).

aniquilação do pensamento, reduzindo-o a uma dimensão legitimadora do *status quo*. Nesse sentido,

[...] Se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E, para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie. O *pathos* da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disto. Com barbárie não me refiro aos Bealhes, embora o culto aos mesmos faça parte dela, mas sim o extremismo: o preconceito delirante, a repressão, o genocídio e a tortura; não deve haver dúvidas quanto a isto. Na situação mundial vigente, em que ao menos por hora não se vislumbram outras possibilidades mais abrangentes, é preciso contrapor-se à barbárie principalmente na escola. (ADORNO, 1995c, p. 116-117).

No entanto, na sociedade administrada pela lógica do mercado, a formação tem se preocupado com a produção da identidade que visa à adaptação e à integração. A formação cultural se converte em semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Por muitos canais são fornecidos às massas bens de formação cultural que, neutralizados e petrificados, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso é conseguido ao ajustar o conteúdo da formação – pelos mecanismos de mercado – à consciência das pessoas que foram excluídas do privilégio da cultura. A estrutura social e sua dinâmica negam a esses os bens culturais que oferecem ao privar-

lhes do processo real de formação, que requer condições para a apropriação desses bens (ADORNO, 1996). No contexto considerado,

[...] A formação tem como condições a autonomia e a liberdade. No entanto, remete sempre a estruturas pré-colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se. Daí que, no momento mesmo em que ocorre a formação, ela já deixa de existir. Em sua origem já está, teleologicamente, seu decair. (ADORNO, 1996, p. 397).

A escola é uma instituição poderosa para transmitir as forças que desvitalizam os homens. Ela intensifica a racionalidade instrumental, opressiva e repressiva, gera a semiformação; promove a adaptação, que possibilita o controle, sendo, dessa forma, incapaz de conduzir à reflexão e à crítica. Assim, para redimensionar o papel da escola é preciso que a experiência formativa gere momentos nos quais se exercita a capacidade de reflexão e de crítica. Essa experiência remete-se à formação docente. Entretanto, a formação do docente dos anos iniciais da escolarização atualmente é balizada por legislação que a configura como debilmente atrelada ao compromisso político com uma escola mais justa em termos do que oferece de formação para o trabalho com a escolarização da infância.

### **A formação docente para os anos iniciais da escolarização**

O curso de Pedagogia é orientado por Diretrizes Curriculares Nacionais que preconizam que o curso forma o profissional para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio – na modalidade Normal, em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. As atividades docentes também

compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando: planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação e de projetos e experiências educativas não-escolares; produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (BRASIL, 2006)<sup>2</sup>. Para a realização da análise das condições de cumprimento das exigências requeridas na formação de um profissional do ensino, com um leque aberto tão extenso de possibilidades de atuação profissional, como as determinadas pelas DCN, acrescentam-se ainda as graves defasagens em relação à aprendizagem de conteúdos escolares resultantes de processos vivenciados numa escolarização básica de pouquíssima qualidade<sup>3</sup> apresentadas pela massa do público que hoje conclui o ensino médio regular e busca cursar uma licenciatura<sup>4</sup> neste país.

---

<sup>2</sup> Os cursos de Pedagogia devem ser balizados pelos artigos expostos na Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, que Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, e define, para o curso em questão, princípios, condições de ensino e de aprendizagem, procedimentos a serem observados no planejamento e na avaliação, pelos órgãos dos sistemas de ensino e pelas instituições de educação superior do país, nos termos dos Pareceres CNE/CP nos 5/2005 e 3/2006.

<sup>3</sup> Os baixos índices estatísticos apresentados nas avaliações realizadas com alunos do ensino fundamental e do ensino médio brasileiros podem ser visualizados nos sites: [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br); [www.educacao.gov.br](http://www.educacao.gov.br), etc. Os baixos índices frequentes também geram questionamentos referentes à formação dos professores no país.

<sup>4</sup> Deve-se acrescentar que os cursos são, muitas vezes, escolhidos pelos candidatos em decorrência de uma popularidade da instituição de ensino conquistada por meio de propagandas conduzidas por estrelas da mídia nos intervalos das novelas. “[...] A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modo de ser dos homens tais como eles se tornaram pela injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento. Ela

As diretrizes extinguiram as habilitações e, na atual configuração legal, o curso de Pedagogia – com apenas 3.200 horas de trabalho acadêmico instituídas como mínimas para a efetivação do curso – passou a destinar-se a formar os profissionais para a atuação em âmbitos educativos diversos e exercendo variadas funções, inclusive como docentes, com pessoas de faixas etárias distintas. Diante das incumbências preconizadas na Resolução CNE/CP nº 1 à formação do pedagogo, o licenciado em Pedagogia tem como âmbitos de atuação as creches, pré-escolas, Centros de educação infantil, as escolas de Ensino Fundamental e Médio, ONGs, empresas, hospitais, associações, clubes e outros espaços educativos que necessitem de um profissional generalista do ensino e da aprendizagem.

Da análise do contexto legal, torna-se extremamente complicado acreditar que um curso que cumpra apenas 3200 horas de trabalho acadêmico possa lidar com tantas exigências, as instituições de ensino superior precisariam trabalhar com muitas facetas da formação docente em tempo escasso, principalmente se considerarmos as defasagens em relação à compreensão de conteúdos escolares costumeiramente apresentadas pelos alunos brasileiros concluintes do Ensino Médio regular. Ainda deve-se considerar que:

A produção de conhecimento fica secundarizada porque a *Resolução* enfatiza a formação do docente e a do gestor. Tudo indica que o Curso configurar-se-á mais como campo de práticas – docentes e de gestão – e menos como campo de teorização sobre a educação [...]. De outro lado, o acento sobre a formação docente leva a que a formação do pesquisador a ela se sujeite. O complemento “que atua na Educação Básica” à formulação “profissional da educação” restringe o campo de investigação às questões

---

conta com o fato de que se pode contar com eles. [...]” (HORKHEIMER, ADORNO, 1985, p. 209).

postas pela prática educacional [...]. Podemos indagar se a formação de intelectuais na esfera educativa é algo desejável (EVANGELISTA, 2008, p. 559-560).

Dessa dinâmica resulta a semiformação. A lógica que orienta o preparo para o trabalho alienado concede à formação uma condição que dissocia a formação da consciência da formação para o trabalho (ADORNO, 1996). A educação permanece enfatizando apenas a adaptação, que possibilita o controle, não se volta para o outro:

[...] A adaptação não ultrapassa a sociedade, que se mantém cegamente restrita. A conformação às relações se debate com as fronteiras do poder. Todavia, na vontade de se organizar essas relações de uma maneira digna de seres humanos, sobrevive o poder como princípio que se utiliza da conciliação. Desse modo, a adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito (ADORNO, 1996, p. 391).

Assim, com a atual legislação que baliza os cursos de Pedagogia pode-se perceber que as diretrizes não possibilitam condições razoáveis à formação do docente dos anos iniciais da escolarização; são muitas as exigências teórico-metodológicas a serem consideradas para se formar o profissional que a legislação supõe que possa ser formado em carga horária tão reduzida. Dessa forma,

O entendido e experimentado medianamente – semi-entendido e semi-experimentado – não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal. Elementos que

penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade, transformam-se em substâncias tóxicas [...] (ADORNO, 1996, p. 402).

Inserindo-se na lógica de que o processo de formação pode ser aligeirado, a universitarização/certificação do docente dos anos iniciais da escolarização pode, ainda, ser realizada em cursos na modalidade a distância. A promoção de cursos a distância tem sido considerada, nas políticas implementadas a partir de meados da década de 1990 no Brasil, como solução para as carências educacionais no âmbito da formação docente. As tecnologias da informação e da comunicação têm possibilitado o acesso à educação a muitas pessoas que vivem em lugares desprestigiados no que se refere à oferta de vagas na educação básica e no ensino superior. Todavia, os indivíduos que residem e trabalham em locais em que há oferta suficiente de vagas no ensino superior na modalidade presencial também podem optar por cursar o ensino superior na modalidade a distância. Esta opção, muitas vezes, é feita por considerá-la mais econômica e prática, já que há cursos que se classificam como organizados para que o aluno se desloque para um polo apenas uma vez por semana e no período noturno, envie seus trabalhos para um “corretor virtual”, não apresente – oralmente – trabalho de conclusão de curso, nem relatórios de estágio, deixando de cumprir com diversas exigências costumeiramente apresentadas nos cursos de Pedagogia organizados na modalidade presencial.

No contexto em que a formação se volta para atender ao mercado, o processo barateado e aligeirado conduz a uma diferenciação de caráter instrumental que impulsiona os indivíduos à ausência da consciência; a razão orientadora para a formação para o trabalho alienado atribui à formação do sujeito uma condição que separa a formação da consciência da formação para o trabalho, produzindo a semiformação (ADORNO, 1996). Entretanto, muitos relacionam a oferta de

cursos a distância à democratização do ensino superior no Brasil, consideram vantajosa a possibilidade de as pessoas que não podem ou não têm a oportunidade de frequentar o curso presencial terem a chance de cursar o ensino superior na modalidade a distância.

Fica evidenciado que a EaD-Online, com suas tecnologias de informação, recursos de comunicações e com menores custos, pode melhorar a eficiência econômica do ensino e da aprendizagem a distância em nosso país. Com isto, resolve-se algumas das principais questões ligadas a educação, tornando-a acessível a uma boa parcela que, por questões de horário das suas obrigações profissionais ou pela distância aos centros educacionais não podem adquirir os conhecimentos necessários para sua educação ou aperfeiçoamento profissional (LISONI; LOYOLLA, 2009, p. 5).

No entanto, o aumento das oportunidades educacionais não resulta em melhor formação, apenas é dada a impressão de tratamento de igualdade; o que ocorre é a deformação da sua consciência, a semiformação, em decorrência de que o que possibilita a reflexão sobre a vida social é descartado no processo educacional (ADORNO, 1996). Ainda assim, esse tipo de proposta continua em vigor porque o ensino a distância é um investimento rentável, os seus provedores ampliam serviços atraindo um número cada vez maior de clientes e utilizando menos pessoas e tempo dedicados à certificação. Como consequências desse processo barateado, os avanços tecnológicos têm separado ainda mais o ensino da produção social, tornando-o mais mecânico, decorativo e controlado ideologicamente em decorrência de que está a serviço do processo mercadológico. A EAD está submetida a um contingente de intelectuais, professores, tutores, técnicos e planejadores presos ao comando empresarial ou da burocracia estatal. A redução de recursos humanos, da utilização da força de trabalho, é uma das premissas da EAD;

substitui-se o trabalho do professor por um tutor que maneja os recursos informatizados. Ainda deve-se considerar que:

O fetiche da tecnologia encantou inclusive setores considerados progressistas ou reformistas. O silêncio da inteligência universitária é um consentimento. Nas esferas do governo, prevalece a idéia de que as novas tecnologias constituem a via de solução para o baixo nível do ensino. Querem fazer crer que o país semicolonial poderá sair do atraso elevando a cultura das massas, combinando o aparelhamento das escolas com a modalidade da educação a distância. Essa ilusão é semeada pelos ideólogos do imperialismo (reformas do Banco Mundial), que espalharam a propaganda da “globalização”, “modernidade”, “mercados emergentes” e outros artificios. Os ideólogos brasileiros da EaD repetem em grande medida esses conceitos. O capital interno serve de base material para acobertarem o controle do imperialismo sobre a ciência e os avanços tecnológicos. O melhor a ser feito é não evidenciar os interesses externos que são impostos de fora para dentro, como se fossem um imperativo da realidade nacional (OLIVEIRA, 2004, p. 11-12).

Em muitos cursos, os alunos contam com apostilas preparadas por um pequeno grupo de professores, em que encontram sínteses de autores que costumam ser trabalhados nas disciplinas nas partes dos materiais que se referem aos componentes curriculares. Ou seja, até os materiais indicados para leitura nos módulos do curso são extremamente fragmentados e empobrecidos.

Nas instituições públicas, a formação docente na modalidade a distância é uma alternativa para aumentar substancialmente o número de vagas sem aumentar significativamente o número de professores e de investimentos. Assim, as iniciativas da UAB expressam as tentativas de cumprir as

metas estatísticas de titulação/certificação docente no país. Inserindo-se numa dinâmica ainda mais preocupante, nas instituições privadas, a oferta de cursos de Pedagogia a distância configura-se, supostamente, como uma maneira de oferecer oportunidade às pessoas que dispõem de pouco tempo para estudar. No contexto desse falso movimento de democratização das oportunidades educacionais – caracterizado pelo aligeiramento e fatal empobrecimento do trabalho com os conteúdos nos momentos destinados à formação do futuro professor – as instituições recebem as mensalidades dos estudantes por até quatro anos, embora o aluno possa frequentar um polo apenas uma vez por semana, num período do dia. As instituições realizam uma transação financeira lucrativa, investem muito menos em quantidade de profissionais contratados e em espaços reservados à ocupação dos alunos e dos profissionais nas instituições, além de oferecerem o atrativo da facilidade às pessoas que almejam um diploma de curso superior. Entretanto,

O bom professor é aquele que vive profundamente uma experiência cultural e se apropria, sistematicamente, dela e dos meios necessários para proporcionar a outrem a mesma experiência e a mesma apropriação. Nesse conjunto de atividades, o ambiente (o lugar onde as coisas acontecem) e a natureza das relações que ali se constroem não são elementos neutros; são dimensões integrantes e constitutivas do processo. Sobretudo, são decisivas. Na formação de professores, o ambiente escolar se caracteriza fundamentalmente por possibilitar relações intersubjetivas; essas são relações essenciais e mediadoras das demais (as relações instrumentais, por exemplo). O que os defensores da educação virtual esquecem ou escondem é o fato de que as pessoas não se satisfazem, não se realizam e, principalmente, não se formam, apenas, com base em relações instrumentalmente mediadas; essas são

importantes, mas de modo algum são suficientes [...] (GIOLO, 2008, p. 1228-1229).

Com a necessidade do aumento do tempo de escolarização, o reduzido investimento público na educação e a impossibilidade do Estado prover recursos suficientes para a expansão massiva da educação superior pública, as iniciativas atuais de massificação por meio da educação a distância tentam cumprir as metas estatísticas e conformam os professores a uma concepção de caráter subordinado, instrumental, em contraposição à concepção de caráter sócio-histórico, dos professores como essenciais para a construção de novas possibilidades à educação da infância e da juventude (FREITAS, 2007). Dessa forma, não se pode conceber a formação a distância como uma maneira de suprir a demanda de professores em decorrência de que a maioria dos cursos de formação de professores nessa modalidade no país configura-se como uma maneira de baratear a formação, podendo ser analisados como frutos de uma política compensatória.

Considerando-se as atuais iniciativas voltadas à formação docente, pode-se afirmar que a educação não cumpre e não cumprirá o que promete. Mesmo com o aumento das oportunidades educacionais, dificilmente se conseguirá formar um aluno autônomo, crítico; a promessa da formação não se realiza e não se realizará tão cedo, nem na escolarização da infância e da juventude e nem na formação docente, já que uma está indissociavelmente relacionada com a outra. Entretanto, superar as mazelas dos processos de formação e escolarização é condição essencial em decorrência de que o núcleo de transformação decisivo está na sociedade e em sua relação com a escola, a desbarbarização das pessoas individualmente é condição de sobrevivência e a escola deve atuar no sentido de propiciar a formação da capacidade de reflexão e crítica (ADORNO, 1995c). Assim, é condição essencial redimensionar a carreira docente, sendo importante explicitar algumas dimensões da aversão ao magistério, profissão tão

desprestigiada no que tange à formação e às condições de trabalho e à qual é atribuída a formação nas instituições educativas.

Adorno (1995c) constatou forte repulsa frente à carreira docente entre os universitários qualificados para o magistério com os quais trabalhava. Os universitários sentiam o futuro como professores como uma imposição, a que se submetiam por falta de alternativa<sup>5</sup>. Então, o autor revelou que existiam questões que geravam aversão à profissão e que deveriam ser enfatizadas no processo de formação, como, por exemplo: “[...] por trás da imagem negativa do professor encontra-se o homem que castiga” (p. 105); “[...] a infantilidade do professor apresenta-se pela sua atitude de substituir a realidade pelo mundo ilusório intramuros, pelo microcosmo da escola [...]” (p. 109).

Na elaboração do complexo de Édipo, a separação do pai e a interiorização da figura paterna, as crianças notam que os próprios pais não correspondem ao ego ideal que lhes transmitem. Na relação com os professores este ego ideal se reapresenta pela segunda vez, possivelmente com mais clareza, e eles têm a expectativa de poder se identificar com os mesmos. Mas por muitas razões novamente isto se torna impossível para eles, sobretudo porque particularmente os próprios mestres constituem produtos da imposição da adequação, contra a qual se dirige o ego ideal da criança ainda não preparada para vínculos de

compromisso. [...] O professor não é aquela pessoa íntegra que forma a expectativa das crianças, por mais vaga que seja, mas alguém que no plano de todo um conjunto de outras oportunidades e tipos profissionais concentrou-se inevitavelmente como profissional na sua própria profissão, sendo propriamente já a *priori* o contrário daquilo que o inconsciente aguarda dele: que precisamente ele não seja um profissional, quando justamente ele precisa sê-lo. A sensibilidade idiossincrática das crianças em relação às particularidades dos professores, que possivelmente ultrapassa tudo que se possa imaginar como adulto, provém da constatação de que a existência particular renega o ideal de uma pessoa normal e verdadeira no sentido enfático com que as crianças vêem primariamente os professores, mesmo que já tenham passado por alguma experiência em que se exige astúcia ou algum estereótipo que imponha dureza (ADORNO, 1995c, p. 111-112).

Ainda ocorrem as tensões geradas porque a criança é retirada da comunidade primária, de relações calorosas e protetoras, frequentemente no jardim-de-infância, experimentando na escola, de modo desagradável e severo, a alienação (ADORNO, 1995c).

O agente dessa alienação é a autoridade do professor, e a resposta a ela é a apreensão negativa da imagem do professor. A civilização que ele lhes proporciona, as privações que lhes impõe, mobilizam automaticamente nas crianças as imagens do professor que se acumularam no curso da história e que, como todas as sobras remanescentes no inconsciente, podem ser despertadas conforme as necessidades da economia psíquica (ADORNO, 1995c, p. 112).

A profissão docente nega a separação entre o trabalho objetivo e o plano afetivo pessoal, o trabalho realiza-se sob a forma de uma relação imediata, um dar e receber, para

---

<sup>5</sup> Para caracterizar as motivações subjetivas da aversão em relação à profissão de ensinar, as que são inconscientes, o autor utiliza o termo *tabus* e o define como “[...] representações inconscientes ou pré-conscientes [...] que relacionam esta profissão como que a uma interdição psíquica que a submete a dificuldades raramente esclarecidas” (ADORNO, 1995c, p. 98). O conceito é utilizado no sentido da sedimentação coletiva de representações que muitas vezes perderam sua base real, mas permanecem como preconceitos psicológicos e sociais que retroagem e tornam-se forças reais.

a qual este trabalho não pode ser inteiramente apropriado sob o jugo de seus objetivos altamente mediatos. Assim, o que acontece na escola fica muito aquém do esperado e o ofício do professor permanece aquém da civilização que ele representa. O arcaísmo correspondente à profissão do professor como tal promove os símbolos arcaicos dos docentes e desperta arcaísmos no comportamento destes, quando repreendem, discutem etc.; atitudes próximas da violência física e que demonstram fraqueza e insegurança (ADORNO, 1995c). Dessa forma, o autor sugere mudanças no comportamento dos professores, demandando modificações no âmbito da formação:

Eles não devem sufocar suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma os alunos. Provavelmente um professor que diz: "sim, eu sou injusto, eu sou uma pessoa como vocês, a quem algo agrada e algo desagradado" será mais convincente do que um outro apoiado ideologicamente na justiça, mas que acaba inevitavelmente cometendo injustiças reprimidas. Diga-se de passagem que tais reflexões implicam imediatamente a necessidade de conscientização e de aprendizado psicanalítico para o magistério (ADORNO, 1995c, p. 113).

No entanto, ocorre a impossibilidade de lidar com as dimensões de conscientização e aprendizado, para as quais Adorno (1995c) aponta em decorrência do aligeiramento e empobrecimento que configuram os cursos de formação do docente para o trabalho com os anos iniciais da escolarização no Brasil e do barateamento a que os estudantes são submetidos no contexto das iniciativas de massificação da formação, que são balizadas por legislação perversa em decorrência da ausência de compromisso com uma escola que propicie processos de

escolarização a favor da desbarbarização das pessoas.

### Algumas considerações

As mazelas que se referem à educação brasileira estão relacionadas com o fato de que:

[...] o funcionamento da aparelhagem econômica exige uma direção das massas que não seja perturbada pela individuação. A orientação economicamente determinada da sociedade em seu todo (que sempre prevaleceu na constituição física e espiritual dos homens) provoca a atrofia dos órgãos do indivíduo que atuavam no sentido de uma organização autônoma de sua existência. Desde que o pensamento se tornou um simples setor da divisão do trabalho, os planos dos chefes e especialistas competentes tornaram supérfluos os indivíduos que planejam a sua própria felicidade [...] (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 168).

Assim, a educação priva os indivíduos de reflexão e gera conformismo e indiferença diante da barbárie, promove pessoas não esclarecidas, sendo mecanismo que reproduz a dominação. No âmbito do processo favorável ao alheamento humano em relação às suas condições reais de vida social, muitos indivíduos, apesar de terem vivenciado processos de escolarização, permanecem submetidos à indústria cultural, ficam privados do desenvolvimento da capacidade de subjetivação, de solidariedade, de respeito, sendo incapazes de romper com a ausência de autonomia. Por muitos meios são fornecidos às massas bens de formação cultural que ajudam a mantê-las controladas, o conteúdo da formação é ajustado pelos mecanismos de mercado à consciência das pessoas que foram excluídas do privilégio da cultura. A estrutura social e sua dinâmica negam às massas os bens culturais que oferecem ao privar-lhes do processo real de formação (ADORNO, 1996).

No contexto apresentado, a escola transmite as forças que desvitalizam os homens, intensifica a racionalidade instrumental, promove a adaptação, que possibilita o controle, sendo incapaz de conduzir à reflexão e à crítica e para a escola poder propiciar outro tipo de formação é preciso que a experiência formativa gere momentos nos quais se exercita a capacidade de reflexão e de crítica. A experiência formativa remete-se à formação docente. No entanto, no contexto abordado, a formação do docente dos anos iniciais da escolarização não está atrelada ao compromisso político com uma escola mais justa no que oferece de formação para o trabalho com as crianças. O que resulta dessa dinâmica de formação empobrecida e aligeirada é a semiformação, a educação permanece enfatizando apenas a adaptação, que possibilita o controle; não se volta para o outro e, no que tange ao processo de aligeiramento e fatal empobrecimento da formação do docente dos anos iniciais da escolarização, o entendido e experimentado medianamente são insatisfatórios, os elementos que penetram na consciência sem fundir-se em sua continuidade tornam-se desconfigurados. Portanto, ao voltar-se para atender ao mercado, o processo de formação conduz a uma diferenciação de caráter instrumental que impulsiona os indivíduos à ausência da consciência; a razão orientadora para a formação para o trabalho alienado atribui à formação do sujeito uma condição que separa a formação da consciência da formação para o trabalho, gerando a semiformação (ADORNO, 1996).

## Referências

- ADORNO, T.W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, G. **Theodor W. Adorno**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p. 62-75.
- \_\_\_\_\_. Educação após Auschwitz. In: \_\_\_\_\_. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995a. p. 104-123.
- \_\_\_\_\_. Progresso. In: \_\_\_\_\_. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995b. p. 37-61.
- \_\_\_\_\_. Tabus acerca do magistério. In: \_\_\_\_\_. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995c. p. 97-118.
- \_\_\_\_\_. Teoria da semicultura. **Educação e Sociedade**, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Parecer CNE/CP nº 05/2005**, 13 de dezembro de 2005. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia. Brasília, 2005.
- \_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006.
- EVANGELISTA, O. Conhecimento e diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 551-570, jul./dez. 2008.
- FREITAS, H. C. L. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, nº100, p. 1203-1230, out. 2007.
- GIOLO, J. A Educação a Distância e a Formação de Professores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1211-1234, dez. 2008.
- HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LISONI, José Antonio; LOYOLLA, Waldomiro. Custos: uma análise

---

comparativa entre educação presencial e a distância. **Portal ABED**. Disponível em: [www2.abed.org.br](http://www2.abed.org.br). Acesso em 01/05/2009.

OLIVEIRA, Erson Martins de. Educação a distância: a velha e a nova escola. **PUCviva**, São Paulo, Ano 6, n. 24, jul.-set. 2005. Disponível em: [www.apropucsp.org.br/revista/r24\\_r09.htm](http://www.apropucsp.org.br/revista/r24_r09.htm). Acesso em: 20/04/2009.

*Recebido em 25 de janeiro de 2011.*

*Aceito em 17 de fevereiro de 2011.*